

Publicado em "CORREIO PAULISTA" - 1975
4 de Setembro de 1975 - Págs. 14 e 15 do
1º Caderno

A EXPEDICÃO "LANGSDORFF" E HÉRCULES FLORENCE (1825-1829)

REVELAÇÕES PUBLICADAS PELA PRIMEIRA VEZ NA IMPRENSA BRASILEIRA

A 3 de setembro de 1825, faz 150 anos que Georg Heinrich von Langsdorff, notável naturalista e médico alemão, então Cônsul Geral da Rússia no Rio de Janeiro, partiu dessa capital, por mar, para Santos, à frente da comissão de cientistas e artistas que tinham como objetivo, sob a proteção do "Czar" Alexandre I, percorrer os imensos sertões do Brasil, recolhendo todo material comprovadamente valioso nos domínios da botânica, zoologia, geografia, etnografia, história, economia, estatística, linguística, etc., para servir de inestimáveis fontes de estudo da natureza, economia e cultura de nosso País, no começo do século XIX.

Vida rica de empreendimentos em inteira harmonia com a sua extraordinária cerebração, que cedo o pôs a serviço dos elevados objetivos da Academia de Ciências de São Petersburgo (atual Academia de Ciências de Leningrado), Langsdorff, em função deles, depois de se haver afirmado como médico de envergadura, inicialmente em sua pátria, a Alemanha, e depois em Portugal, participou de importantíssimas expedições científicas praticamente pelo mundo inteiro, nas quais se evidenciou como naturalista de excepcionais méritos e antes, muito antes de encarregar-se do Consulado Geral da Rússia no Rio de Janeiro, entrou em contacto com a terra e a gente brasileira, afeiçoando-se de tal forma a este País, que, brevemente, passou a desenvolver nos principais centros europeus entusiástica propaganda desta por ele tida como privilegiada região da América.

Procurando atrair para aqui grande quantidade de imigrantes, sua linguagem na campanha sobre as excelências oferecidas por esta parte do mundo pode medir-se por enunciados como estes:vv.

"A imaginação mais rica e mais feliz e a mais perfeita das linguas criadas pelo homem, sequer de longe podem dar idéia da exten-

são dos tesouros e magnificências desta natureza ou Quem quer que anseie por motivos poéticos---que vá ao Brasil, pois ali a natureza poética responde a seus pendores. Qualquer pessoa, inclusive a menos sentimental, se deseja descrever as coisas como elas são ali, se transforma em poeta".

Acalentadíssimo plano seu, que afinal acabou apresentando à Academia de São Petersburgo, a realização da expedição científica pelo interior do Brasil, nos termos expostos ao iniciar-se este relato jornalístico, recebeu, em 1821, o patrocínio do então "Czar" Alexandre I (um dos vencedores de Napoleão), que a custeou com seus recursos pessoais, encargo honrado---após a morte desse soberano em 1825---pelo seu sucessor, ~~o já citado~~ Nicolau I.

E Langsdorff, assim solidamente apoiado, convidou para tomarem parte em seu grande cometimento o oficial de marinha Nestor G. Rubzoff, imensamente apreciado, como astrônomo, pelos célebres navegantes russos G.A. Sarytchev e V.M. Golovnin; o zóologo francês E.^{P.} Ménétriès (1802-1861), aluno do sábio Georges Cuvier e do naturalista André Latreille, um dos fundadores da entomologia; o insigne botânico alemão Ludwig Riedel (1790 ou 1794-1861) e o caçador G.W. Freyreiss (1789-1825), estes dois últimos já com longas viagens realizadas ^{pelo} território brasileiro e, finalmente, o talentoso desenhista e pintor alemão, Johann Moritz Rugendas, equipe que prestou a Langsdorff muito assinalada cooperação no período compreendido entre 1822 e 1825, não só no reconhecimento da Província do Rio de Janeiro, perlustrada em diversas direções, mas, também, em grande excursão pela de Minas Gerais, de que se remeteu para a Rússia bom material, acompanhado de desenhos de Rugendas.

Quando, porém, em 3 de setembro de 1825, ocorreu a saída do Rio para Santos, a fim de se preparar a maior de todas as peregrinações programadas, que começou pelo rio Tietê (ou lendário Annembi ou Annambi), com ponto de largada no porto, por excelência, das bandeiras e das monções paulistas, acertadamente denominado Porto Feliz, o quadro de componentes da expedição já não

era o mesmo: falecido o caçador Freyreiss, estavam, ainda, desligados da equipe o zoólogo Ménétriers e o artista Rugendas, o primeiro, por alimentar outros projetos, a quem substituiu o zoólogo e médico alemão Christian Hasse, e o segundo, que cedeu o lugar ao também talentoso desenhista e pintor francês Aimé ~~Adrien~~ Taunay, pois Rugendas ia tomar parte numa viagem ao redor do mundo, na fragata "Urânia"; contratara-se para desempenho de mister semelhante ao de Taunay, com vistas ao setor de iconografia, sensivelmente estimável para o escopo da expedição, outro desenhista e pintor francês, Antoine ~~Hercule~~ ^{Hercule} Remuald Florence, que no Brasil permaneceu conhecido simplesmente por Hércules Florence.

Designado pelo chefe da expedição, enquanto os companheiros viajavam por outras regiões da província paulista, Hércules Florence procurara, em Porto Feliz, o cirurgião Francisco Álvares Machado e Vasconcellos, homem de bastante prestígio na localidade e nas circunvizinhanças, renome esse granjeado graças a sua reconhecida habilitação profissional e que muito contribuiu para transformá-lo em político de relevo, com atuação de liderança nas fileiras do Partido Liberal, ao lado de, entre outros, Vergueiro, Feijó, Antônio Carlos, Tobias e Paula Sousa.

Álvares Machado acolheu Hércules ~~Florence~~ ^{Florence} em sua casa, como hóspede, até a partida da expedição, e deu de si o máximo, nos preparativos do extenso e demorado reide, quase que exclusivamente fluvial, que ali se iniciaria, rumo ao Mato Grosso. Não mediu esforços para que se construíssem em curto prazo as embarcações requeridas, um batelão e bom número de pirogas; também não os mediu, quanto ao mais perfeito ⁵¹⁰aprovisionamento, relativamente a guias, pilotos, ajudantes de pilotos, caçadores, remadores e gente de transporte de cargas, assim como promoveu, para duração de quatro meses, a formação de estoques de gêneros alimentícios essenciais, medicamentos e, por todo o tempo possível, material para defesa contra eventuais agressões, porquanto a empreitada ia ter incalculável duração, estando sujei-

ta a toda sorte de riscos.

Na intimidade de Francisco Álvares e D.Cândida Maria de Vasconcellos Barros, conheceu Hércules Florence a única filha deles, a adulescente Maria Angélica, cujos dotes o sensibilizaram. Amicíssimos que Álvares Machado e D.Cândida eram do senador Nicolau Ferreira de Campos Vergueiro e sua esposa D.Maria Angélica de Vasconcellos Vergueiro, supõe-se que a este prestaram uma homenagem, dando-lhe o nome à própria filha.

O dia do início da penosa e temerária excursão pelos virgens sertões a serem enfrentados, chegou afinal e, nesse dia 22 de junho de 1826, com a presença de autoridades civis, judiciais, militares, administrativas e eclesiásticas, acompanhadas de efusiva multidão, os expedicionários desceram a rampa do porto, receberam a bênção do ritual litúrgico e, em meio a salva de mosquetaria e jubilosos gritos dos que se acotovelavam nas barrancas do rio, deu-se a largada da comissão científica e artística chefiada pelo barão Georg Heinrich von Langsdorff, cujo barco ostentava o pavilhão da Rússia Imperial.

Contudo, antes desse acontecimento, já também se tinha estabelecido a exploração e zoólogo e médico Christian Naess, que, igualmente impressionado pela figura da filha de Álvares Machado, acobertara a proposta, projeto que se frustrou porque, consultada pelo pai, a quem o pretendente formulara o pedido de casamento, a moça não vacilou em responder que só se casaria com o segundo designado às ordens de Langsdorff, isto é, Hércules Florence.

A excursão fluvial começava ali na antiga e histórica Araritaguaba (nome anterior de Porto Feliz), estendeu-se pelos rios Tietê, Paranã, Paraguai, Pardo, Coxim, Taquari, São Lourenço e Cuiabá, em período que se desdobrou de junho de 1826 até março de 1828, em que os participantes do importante cometimento percorreram e exploraram a vasta Província de Mato Grosso. Depois, divididos em dois grupos, partiram em direção ao Amazonas, sendo certo que Langsdorff, Rubtzoff e Florence navegaram os rios Preto,

Arinos, Juruena e Tapajós, reservando-se Riedel e Taunay, a fazer o mesmo, mas quanto aos Rios Guaporé, Mamoré e Madeira. Nas águas do primeiro, desafortunadamente Taunay, ao tentar atravessá-lo em circunstâncias pouco propícias, encontrou a morte, submergindo sem a mínima possibilidade de socorro. Tão talentoso moço era irmão de Félix Taunay, eruditíssimo preceptor de D. Pedro II e pai de Alfredo d'Escragnolle Taunay (Visconde de Taunay), uma das cintilações intelectuais e culturais brasileiras, assim como, avô do preclaro historiador Afonso d'Escragnolle Taunay, autor da monumental "História Geral das Bandeiras" e outras obras altamente qualificadas, classificada, num congresso de especialistas realizado nos Estados Unidos, entre os 10 maiores historiadores do mundo, a quem, até hoje, seus colegas se referem carinhosamente pelo epíteto de "mestre".

A grave enfermidade contraída por Langsdorff na primavera de 1828, a qual, não só lhe afetou, na fase mais intensa, as faculdades mentais, como lhe deixou, pelo resto da existência, intermitentes seqüelas dessa lamentável manifestação de avaria psíquica, motivou, em janeiro de 1829, uma reunião na cidade de Belém do Pará, em que todos os componentes do conjunto de cientistas e artistas por ele chefiados concordaram em dar por encerrado o grandioso plano cuja realização ele se propusera, em termos de tal sorte ambiciosos que incluía, até, uma extensão pela Venezuela e por outros países de língua castelhana.

Em março desse mesmo ano, estavam todos de volta ao Rio de Janeiro. E Hércules Florence, cuidou imediatamente de por-se em contacto pessoal com Felix Taunay, a fim de pô-lo a par de minúcias do infortúnio que lhe arrebatara a vida do esperançosíssimo irmão, quando deixou com o amigo, mentor e patricio muito ilustre, 84 páginas, escritas em letra miudíssima, com anotações que serviram de base para Florence elaborar seu precioso diário de viagem da expedição, enfeitado num manuscrito de 423 páginas, em poder da família, volume em que se descrevem circunstanciadamente os múltiplos inventos da autoria de Hércules Florence, a quem, ao cabo de porfiadas pesquisas, ele chegou em épocas posteriores a 1850, quando já com residência es-

tabelecida em Campinas, onde permaneceu aproximadamente 50 anos, pois que aqui faleceu em 1879.

Livro recentemente publicado na União Soviética, sob o título Materiais da Expedição G.I.Langsdorff no Brasil, edição de 1973, um de cujos exemplares, de 228 páginas, o Sr. Valentim G. Alioshin, adido cultural da embaixada daquela confederação em Brasília, confiou a personalidades culturais de São Paulo, contém, na parte final, um resumo vazado em português redigido por quem, no centro das nações e povos eslavos, se esforçou por ser compreendido (embora nos moldes mais de acordo com a índole da língua em Portugal), já que a quase totalidade do volume está impressa em russo.

Nesse resumo, há anotações de real interesse, como a que segue, voltada para ilustres viajantes que, no século passado, vindos do exterior, andaram por todos os recantos do Brasil:

“A comparação do itinerário da expedição de G.I.Langsdorff com os itinerários das viagens de J. Nawe, J. Luccock, ~~W.L.~~ W.L. von Eschwege, M. Wied Neuwied, Aug. de Saint-Hilaire, J.E. Pohl, J.B.Spix, K. Ph. Martius e outros, mostra a sua novidade e originalidade. Em oito anos de viagens, Langsdorff e seus companheiros passaram (sic) mais de 15 mil quilômetros.”

Oficialmente, na Rússia Imperial e, depois, na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, sempre se considerou como de 8 anos a duração do empreendimento levado a cabo por Georg Heinrich von Langsdorff, nascido em abril de 1773, no principado alemão de Pfaltz, diplomado doutor em medicina, em 1797, pela Universidade de Goettingen, e falecido em Friburgo (Brasgau), a 29 de junho de 1852, com a idade de 78 anos, e que, não obstante a sua condição nacional de alemão, figura, na citada publicação russa, com o nome de Grigóry Ivanovitch Langsdorff. Em Lenígrado e Moscou, dá-se 1821 como o ano de início da expedição, quando o “Czar” Alexandre I a tomou sob sua égide, que, em 1825, Nicolau I considerou sua, até o final da imensa jornada, em 1829.

Outras anotações reunidas no resumo do citado livro de edição russa oferecem o mesmo interesse, pelo que se lerá a seguir:

« A expedição de Langsdorff começou a ser estudada nos anos 1875 - 1876, quando o escritor brasileiro Alfredo Taunay (sic) publicou, traduzindo-as do francês ao português as notas do pintor Florence. No fim do século XIX - começo do XX, os desenhos dos pintores da expedição atraíram, a atenção dos etnógrafos americanistas. Estes desenhos foram mencionados pelo conhecido viajero alemão K. von den Steinen e o (sic) sábio suíço G. Tenkate.

Em 1917, o etnógrafo russo G.G.Manizer (1889-1917), reunindo os materiais referentes à expedição, escreveu o livro A expedição do acadêmico G.I.Langsdorff ao Brasil (1821-1828). A Manizer interessavam, em primeiro lugar, as notas de Florence, publicadas por Alfredo Taunay, os desenhos dos participantes da expedição e as coleções etnográficas que se encontravam no Museu de Antropologia e Etnografia da Academia de Ciências. A morte de Manizer em junho de 1917 impediu a publicação do seu livro.»

A edição póstuma do livro do cientista G.G.Manizer, organizada por B.G. Kprintsin (Chprintsin), foi traduzida por Osvaldo Peralva e divulgada, em 1967, pela Companhia Editora Nacional de São Paulo (brasileira), volume 329 dessa coleção, sendo certo que o autor da obra, escreveu-a depois de visitar o Brasil, entre 1914 e 1915, para o que se utilizou, em sua maior parte, do diário de viagem redigido por Hércules Florence. Na apresentação que do livro faz o tradutor, Peralva, nota-se logo este tópico:

«O único relato conhecido da expedição é o do desenhista Hércules Florence, publicado, em tradução do Visconde de Taunay, na Revista do Instituto Histórico Brasileiro, vol. XXXVIII, relativo a 1875, posteriormente publicado em volume da Companhia Melhoramentos de São Paulo, fartamente ilustrado, e com prefácio de Afonso d'Escragnolle Taunay. O texto original francês apareceu em diversos números da revista da Sociedade Científica de S.Paulo, em 1905. Na revista alemã Globus, Karl von den Steinen publicou trechos dele, em artigos sobre Florence, incluindo ilustrações.»

O resumo do livro recentemente editado na URSS e trazido pe-

lo Sr. Aliostim, adido cultural da embaixada soviética em Brasília, apresenta estas palpitantes revelações, que devem aumentar a atenção dos meios culturais brasileiros, particularmente de São Paulo e Campinas:

“Nos anos 20, a expedição atraiu o interesse dos homens de ciência soviéticos. Em 1926, V.G.Bogoraz-Tan, etnógrafo e linguista, apresentou ao XXII Congresso internacional de americanistas em Roma uma informação sobre as expedições russas na América do Sul, em que se referem também à expedição de Langsdorff. Em 1928, J.D.Strelnikow falou sobre a expedição de Langsdorff no XXIII Congresso Internacional de Americanistas.

Em 1930, o colaborador científico do arquivo da Academia de Ciências da URSS, Modzlavesky, descobriu o arquivo da expedição de Langsdorff. Para o estudo desse arquivo, contribuiu consideravelmente a especialista em etnografia N.G.Chprintsine (1904-1963). Nos seus artigos e outras publicações, dedicadas à vida e costumes dos índios e negros do Brasil no começo do século passado, figura uma série de materiais etnográficos, manuscritos dos participantes da viagem. Em 1948, Chprintsine publicou o livro de Manizer dedicado à expedição de Langsdorff. N.G.Chprintsine e a linguista C.K.Vasilieva-Chwede estudaram e descreveram os materiais linguísticos da expedição. Nos anos 60-70, foram publicadas as obras de B.N.Komissarov, dedicadas ao estudo dos materiais da expedição, como fonte histórica?”

“O interesse pelos materiais da expedição, fora da União Soviética, foi ligado, nos últimos decênios, à nova edição do manuscrito de Florence, publicado por primeira vez em 1875-1876, e ao estudo dos desenhos do membro da expedição. Sobre Florence, escreveram Afonso (sic) Taunay e Ataliva Florence; de Rugendas, ocuparam-se D. James E. Nunz; G.Reichert, F.Hernandes Serrano.

No presente livro, publicam-se perto de 800 descrições de documentos da expedição, que se guardam na Filial de Leningrado do Arquivo da Academia de Ciências da URSS, no Arquivo da política exterior da Rússia (Moscou), no arquivo central da marinha militar da

URSS (Leningrado), no Arquivo ~~central~~ central histórico da URSS (Leningrado). Pode-se afirmar que esta descrição reflete todos os materiais da expedição, hoje ~~conhecidos~~ conhecidos, que se encontram na União Soviética.

Na primeira parte, estão descritos os diários de G.I. Langsdorff, dos anos 1824-1828, os de Ménétriers dos anos 1822-1824, e a cópia do diário de H. Florence, dos anos 1827-1829. Os diários de Langsdorff contêm um enorme material científico. São notas e desenhos que o sábio fazia continuamente, referentes a zoologia, botânica, mineralogia, medicina, linguística, etc. São muitos e extraordinariamente interessantes os materiais de caráter social-econômico e etnográfico. As notas sobre as fazendas brasileiras do primeiro terço do século XIX contêm dados sobre a situação e exploração dos escravos e a vida e os costumes dos senhores, uma característica detalhada de praticamente todos os ramos da agricultura pequiária (sic), manufatura artesanato, comércio, etc. Um grande interesse científico representam (sic) os materiais anteriormente desconhecidos, inéditos, dos diários do sábio, referentes à extração de ouro e diamantes, das manufaturas e artesanato das cidades, o começo do desenvolvimento da indústria brasileira, do comércio exterior e interior, as vias de comunicação, história e aspecto de muitas cidades e vilas do Brasil, a vida, os costumes, composição social e racial dos seus habitantes, etc. Numerosas páginas dos diários de Langsdorff estão dedicadas à população indígena do Brasil. O sábio descrevia as insurreições dos índios, a política índia do governo brasileiro, a exploração dos índios, as relações econômicas entre as diversas tribos e os habitantes das cidades e das fazendas e muitos outros, pormenores interessantes. Os diários de Ménétriers dos anos 1822-1824 tratam de zoologia, principalmente ornitologia e entomologia.

O manuscrito de H. Florence, que se descreve na primeira parte, surgiu já depois de terminada a expedição, nos anos 1824-1830, na base de um diário do pintor, que até agora foi impossível encontrar. As notas de H. Florence, publicadas nos anos 1875-1876, foram escritas

na base do mesmo diário, ~~mas~~ mas muito mais tarde, em 1855-1860. A cópia lenigradense do diário de H. Florence contém informações importantíssimas sobre a história e a etnografia do Brasil nos anos 20 do século XIX e é incomparavelmente mais próxima do original, apresentando, por isso, um valor científico muito mais alto do que a publicação de Alfredo Taunay.>>

O diário de Hércules Florence, que o livro de recente publicação na União Soviética informa que até agora foi impossível encontrar, observação essa acompanhada de que nele se contém informações importantíssimas sobre a história e a etnografia do Brasil nos anos 20 do século XIX, estamos aptos a assegurar, em primeira mão neste País e fora dele, que constando do manuscrito do pintor e naturalista francês radicado em Campinas, volume em que se estende da página 175^a até a 423^a, ou seja a última, acaba de ser inteiramente traduzido por um bisneto desse cientista, porque se cogita de publicá-lo como ponto alto do programa comemorativo da partida da expedição, a 22 de junho de 1826, desde Porto Feliz, celebração essa que assinalará, no próximo ano, o sesquicentenário desse acontecimento. Há contactos, para tanto, com o Professor Dr. Antonio Rocha Fenteado, diretor do Museu Paulista (o do Ipiranga), e com o Professor Pietro Maria Bardi, diretor do Museu de Arte de São Paulo, acreditando-se que se desenvolverão esforços no sentido de positivar-se não só essa publicação, mas a do próprio original, em francês. Podemos afirmar que nessa oportunidade deve realizar-se, no Palácio do Museu do Ipiranga, exposição de reproduções de/ desenhos e pinturas de Taunay e Florence, trabalhos esses que fazem parte da iconografia da expedição.

Esse diário, com efeito, apresenta muitos e muitos aspectos que não se encontram no magnífico trabalho literário que é a tradução empreendida pelo Visconde de Taunay, pois este pôs em português as 84 páginas de anotações que Hércules Florence, em 1829, ao voltar da grande viagem, entregara a seu pai. Vê-se, portanto, que a advertência feita no ~~explicado~~ citado livro russo, chegado de pouco a São Paulo, incide em equívoco ao atribuir a essas notas, ou anotações, as datas 1855-1860.

O mesmo bisneto que traduziu em sua totalidade o diário de Hércules está em vias de concluir um levantamento de toda a descendência do artista e inventor, em que também se cogita pormenorizadamente de ancestralidade, obra essa de que o incumbiu em sua residência, em São Paulo, no mês de setembro de 1968, o Prof. Vinício Stein Campos, diretor do Serviço de Museus do Estado de São Paulo, quando o foi honrar com o convite para assistir no mês seguinte, em Porto Feliz, a inauguração da Sala Expedição Langsdorff no Museu Histórico e Pedagógico das Monções, ocasião em que assim, significativamente, lhe fez sentir como era vista, no cenário cultural paulista, a presença de Hércules Florence naquele notável empreendimento que de 1825 a 1829 se desenvolveu pelos imensos sertões brasileiros.

O resumo que finaliza o livro trazido pelo Sr. Aliochim, volume enriquecido por reproduções de desenhos de Rugendas, Taunay e Florence, absolutamente inéditos no Brasil, que de todos os três artistas já conhece inúmeras outras, tem o fecho que se segue:

"Os materiais da expedição do acadêmico G.I.Langsdorff são uma preciosa fonte para o estudo multilateral do Brasil no começo de século passado. Mas de todos os materiais manuscritos da expedição — em total mais de 2.000 folhas — foram publicadas somente algumas dezenas de folhas. O estudo desses materiais leva à conclusão da necessidade de sua publicação completa. O Arquivo da Academia de Ciências da União Soviética, nos últimos anos, realiza trabalhos preparativos para facilitar a edição dos documentos da expedição de G.I.Langsdorff. A publicação da presente descrição científica é uma das etapas desta complicada tarefa".

Para se ter uma idéia do que representa esse acervo, atente-se para o que ficou expresso no ~~discurso~~ discurso proferido pelo ~~diretor~~ Professor Vinício Stein Campos, diretor do Serviço de Museus do Estado de São Paulo, ao inaugurar, a 13 de outubro de 1968, no mencionado Museu de Porto Feliz, a Sala Expedição Langsdorff: "O Padre Clemente da Silva Nigra, diretor do Museu de Arte Sacra da Bahia, encontrando-se em Leningrado, ouviu de respeitável personalidade cultural que e-

xistia na Academia de Ciências uma das mais valiosas coleções etnológicas e iconográficas de que se tinha notícia e, visitando o edificio dessa instituição, nele foi, reconhece-la representada por aquele magnifico acervo, distribuido por cinco salas".

Em seu livro G.G.Manizer, o citado russo que nos visitou em 1914 e 1915, além de apoiar-se à vontade no diário de viagem escrito pelo segundo desenhista, que afinal, na expedição, acabou por ser o único, faz continuas alusões à seriedade científica e fidelidade expressional de seus desenhos. Tal como Rugendas e Taunay, ambos pertencentes a famílias de pintores de categoria, Hércules Florence, pelo lado materno, era um de Vignalys, gente que deu um Jean Baptiste, uma Cécile, um Claude e um Arnaud de Vignalys, bem como um Fortuné e um Philibert Florence, artistas, todos, de categoria, o último dos quais professor de desenho e pintura, com alunas como as princesas das casas reais britânicas e austríaca e a que se coverteu em Rainha Guilhermina da Holanda, mãe da atual soberana. O palácio do Principado de Mônaco está repleto de trabalhos deles.

Russos residentes em Campinas têm captado, pelo rádio, notícias de Moscou, alusivas à comemoração que lá se está realizando, com respeito ao 150º aniversário da saída do Barão de Langsdorff e todos cientistas e artistas da expedição, do Rio de Janeiro, com circunstanciada referênciã a cada um deles.

Hércules Florence, finda a expedição, tratou de ir ter com Álvares Machado e D. Cândida Maria, a quem pediu Maria Angélica em casamento. Os esponsais realizaram-se na Sé de São Paulo, a 4 de janeiro de 1830. A seguir, a convite do sogro, já homem público de influencia em Campinas, veio estabelecer-se nesta cidade.

O paulistano Francisco Álvares Machado e Vasconcellos, nascido no coração de São Paulo e que representou Campinas na Assemblêia Provincial e, mais tarde, na Geral, onde foi brilhante parlamentar e vigorosíssimo tribuno, fez carreira em conformidade com seus incomuns predicados, foi médico da imperial câmara, comendador, presidente da Província do Rio Grande do Sul antes de encerrar-se a Guerra dos Far-

rapos e, finalmente, Campeão da Maioridade de D. Pedro II, pela qual pugnou, nessa qualidade, até no instante decisivo, já em pleno campo das armas, o celebre Campo de Sant'Ana, no Rio de Janeiro.

Por seu pai, o cirurgião-mor Joaquim Teobaldo Machado e Vasconcellos, igualmente paulistano, procedia Álvares Machado de estirpe que praticamente se fizeram notar no Vale do Paraíba, os Machados e Vasconcellos, bem assim os Machado Fagundes, do mesmo modo antepassados dos Machado de Oliveira (Brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, Barão de Brasília Machado, José de Alcântara Machado de Oliveira) e, com eles, dos Machados de Carvalho (Paulo Machado de Carvalho e Marcelino de Carvalho), dos Machado Kawal, dos Paulas Machados (Lineu de Paula Machado), dos Pinheiros Machados paulistas e gauchos (General José Gomes Pinheiro Machado, famoso líder político nacional), dos Fagundes paulistanos e dos Sausas Queiroz provindas do Brigadeiro Luís Antônio, entre estes os Sousas Queiroz-Escragnole Taunay; remontam todos a Antônio de Oliveira e Genebra Leitão de Vasconcellos, casal vindo de Portugal nos primeiros anos da existência de São Vicente, trazendo o cabeça dele as atribuições de locotenente de Martim Afonso de Sousa e servindo de base da antiga família dos Oliveiras da Capitania de São Paulo. Por sua mãe, Maria Álvares Bueno, era Álvares Machado neto de Antônio Alves de Siqueira e Maria Bueno da Conceição, bisavós do eminente paulista e paulistano José Alves de Cerqueira Cesar, advogado de renome, chefe político republicano, que no início do regime exerceu a governança do Estado, um dos fundadores da "Província de S. Paulo", jornal que seu genro, o campineiro Júlio César Ferreira de Mesquita, refulgência em toda a imprensa brasileira, transformou no órgão de projeção mundial que é "O Estado de S. Paulo", um dos principais ora existentes no globo, com centenário de fundação celebrado, este ano, pelos mais importantes jornais norte-americanos, sul-americanos, europeus e asiáticos, que todos, ressaltaram sua ~~in~~ inalterável linha de 95 anos de dignidade, altivez e independência; Antônio Alves de Siqueira e Maria Álvares Bueno levam os descendentes de Júlio Mesquita e os Machados Florences a Amador Bueno, o Aclamado, e, por ele

como também por sua mulher Barnarda Luis, numa só reta desde as gerações atuais, até João Ramalho e os caciques Tibiriçã e Piquerobi, sentinelas avançadas de Nóbrega e Anchieta na construção e defesa do colégio de São Paulo de Piratininga, concreta certidão de nascimento de uma das dez primeiras metrópoles universais, já, no momento, a maior da América do Sul.

Em Campinas, que por quase 50 anos lhe substituiu a estremecida França, viveu Hércules Florence, nesse inteiro período, a sua pertinaz faina de pesquisador e inventor. Em Campinas, deu ele consistência à sua zoofonia, à sua poligrafia, à sua fotografia, cujas primeiras iniludíveis provas conseguiu em 1832, sete anos antes de Jacques Louis Daguerre, seu patrício, ser proclamado o inventor, como antigo companheiro, e continuador de também francês Nicéphore Niépce, a quem o Lareuse atribui a glória de descobrimento. Em Campinas, realizou seus outros inventos: a pulvegravura e o papel inimitável, para cédulas monetárias e notas de banco, entre diversas especulações que o gratificaram com o êxito científico. Em Campinas, assinalou-se como o introdutor da primeira tipografia, e de Campinas partiu, junto com o excelso paulista que foi Feijó, para editar, redigido pelo intemerato sacerdote e homem público, o jornal "O Paulista", cujos escasos números imprimiu em meio às atividades bélicas dos que em 1842, comandados por Tobias d'Aguiar, se ergueram, pela Província de São Paulo, contra a prepotência do governo imperial, na que a Província de Minas Gerais, com reconhecida bravura, logo a secundeou.

Em Campinas, nasceram os treze filhos de Hércules Florence e sua mulher, Maria Angélica Machado e Vasconelles Florence: Amador Bueno Machado Florence, que presidiu a edilidade local e, desde o início da ~~fundação~~ funcionamento de Colégio Culto à Ciência, foi seu professor de francês, latim e desenho, tendo sido diretor do estabelecimento, entre 1884 e 1886, e tendo tido como alunos, em épocas diferentes, Alberto Santos Dumont, Júlio Mesquita, João Batista Correia Nery, que foi grande prelado, Cincinato Braga, Otávio Mendes, Antônio de Moraes Barros, Bento de Abreu Sampaio Vidal e outros que, como esses, se tor-

naram personalidades de relevo no cenário nacional; Celestina Machado Florence; Adelaide Machado Florence; dois Franciscos falecidos em tenra idade, e o terceiro, que foi Francisco Álvares Machado Florence, republicano de escol, devotado companheiro de Glicério; Cândida Machado Florence; Antônio Hercules Machado Florence, um dos mais cultos entre os irmãos; Angélica Florence de Ulheia Cintra, esposas de Delfino Pinheiro de Ulheia Cintra, o segundo do nome completo, advogado, político e parlamentar do Império, irmão de Antônio Pinheiro de Ulheia Cintra (Barão de Jaguará), homem público por excelência e facultativo de nomeada, médico que debelou a febre amarela em Campinas; Arnaldo, falecido na infância; Paulo Machado Florence, falecido também adolecente, na França; e Ataliba, falecido com 3 meses de idade.

Enviuvando, Hércules Florence contraiu mais tarde, matrimônio com a educadora alemã Carolina Krug, cunhada de Gustave Schaumann, o fundador da Botica Veado d'Ouro, existente há 117 anos em São Paulo, e tia-avó da pintora Anita Malfatti. Já Carolina Florence, fundou em Campinas o Colégio Florence, tradicional educandário, pelo qual passaram meninas e moças pertencentes às melhores famílias desta cidade, da Capital e de muitas cidades do interior paulista, assim como do vizinho Estado de Minas, casa de ensino que, por causa da epidemia, se transferiu para Jundiaí, onde permaneceu até sua extinção, já no terceiro decênio deste século. Foram também campineiros todos os sete filhos do consórcio de Hércules Florence e Carolina Florence: o oftalmologista Ataliba Florence, que por decênios foi cônsul do Brasil em Dresden; o químico Jorge Florence; Augusta Florence di Giergetti, casada com o musicista Emílio di Giergetti; o engenheiro Henrique Florence; o compositor Paulo Florence, deuter em filosofia, a quem o famoso pianista alemão Wilhelm Kempfel prestou significativa homenagem, executando, em sala contígua à do velório desse filho de Hércules, um coral de Bach, pouco antes de sair o enterro, na residência do morto, em São Paulo; o engenheiro Guilherme Florence, que no Estado de São Paulo deixou nome, como geólogo; e a professora Isabel Florence.

Também nasceram em Campinas, todos os netos de Hércules Florence, tanto do primeiro como do segundo matrimônio, excetuando-se tão somente sete: Paulo Machado Florence, autoridade policial na cidade e fundador do Asilo de Velhos; Amador Bueno Machado Florence, político em Pinhal e fazendeiro em Jacutinga; Ana Cândida Florence Teixeira, casada com Luciano Bicudo Teixeira, dos Teixeiras Nogueiras que secundaram o taubateano Francisco Barreto Leme, no início do povoamento de Campinas; Arnaldo Machado Florence; Adelaide Augusta Machado Florence; Herculano Machado Florence e Maria Celine de Vasconcelles Florence; Alberto Florence, político e fazendeiro em Pinhal; Clotilde Florence; Maria Angélica de Vasconcelles Florence Caversazzi, casada com o engenheiro italiano Cesare Augusto Caversazzi; Augusta Florence Wagner, casada com Geraldo Wagner; Alice Florence Meyer, casada com Julião Florencio Meyer, cujo pai e homônimo tomou parte, em Minas Gerais, na Revolução de 1842; e Carolina Florence Meyer, casada com Otávio Meyer, chefe político e grande proprietário em Pouso Alegre; Celestina Florence Teixeira, esposa de Eduardo Augusto Teixeira Nogueira, procer republicano campineiro e fazendeiro em Pinhal, onde sua personalidade muito se projetou; Evangelina Benvinda Florence, casada com seu tio Henrique Florence; Arnaldo Pinheiro de Ulhoa Cintra, engenheiro e alto funcionário da Prefeitura de São Paulo; Angélica de Ulhoa Cintra Albuquerque Cavalcanti, nascida Florence e casada com Antônio Francisco Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, advogado, irmão de primeiro e, a seu tempo, único cardeal da América do Sul; Delfine Pinheiro de Ulhoa Cintra, o terceiro do nome, facultativo de nomeada na Capital, mais conhecido por Pinheiro Cintra, professor da Faculdade de Medicina de São Paulo (Escola de Pinheiros); Candida Florence de Ulhoa Cintra, Guiomar Florence de Ulhoa Cintra; Antônio Hércules de Ulhoa Cintra, advogado, companheiro de escritório do famoso causidico João Dente; Corina Florence de Ulhoa Cintra; Jaime Pinheiro de Ulhoa Cintra, engenheiro, muitos anos diretor-superintendente e, depois, presidente da Companhia Paulista de Estrada de Fer-

ro; João Florence de Ulhoa Cintra, engenheiro, que, no dizer de Francisco Prestes Maia, foi autor de elevada porcentagem de concepções e execuções inerentes a seu plano de remodelação urbanística de São Paulo; Olivia Carolina Florence e Ana Carolina Florence.

Campineiros foram ainda, em sua maioria, os bisnetos de Hércules Florence, geração em que já surgiu bom número de pinhalenses e mineiros de Pouso Alegre.

Os não nascidos em Campinas, porém, sejam bisnetos, trinnetos, tetranetos e, até pentanetos, comportam-se, no plano sentimental, exatamente como a generalidade dos norte-americanos, que se consideram, sempre, cidadãos de São Francisco da Califórnia, tal é a presença dessa romântica cidade na alma deles ou como os maometanos de mundo inteiro, árabes ou não, que, estejam onde estiverem, fazem suas orações diárias, em curvaturas na direção de Meca, sagrada sede do islamismo.

Bem por isso, por se terem na conta de campineiros, tanto quante os aqui nascidos, o autor do levantamento genealógico que está a caminho de seu termo abrangendo a total descendência de Hércules Florence e, entre as ancestralidades que no livro figuram, a de próprio fundador da família no Brasil, fornecida diretamente de Paris, em carta de próprio punho do Barão Meugey de Tupigny, presidente da Sociedade Francesa de Heráldica e Sigilografia e chefe honorário dos Arquivos Nacionais da França, carta essa acompanhada de minuciosa documentação, que leva os Florences, naquele país, da século XIX ao século XIII, remontando do Béarn e do Languedoc, ao sul, até o Franco Condado e a Bergonha, a leste e nordeste — resolveu dar a essa peça descritiva de gerações, destinada ao Professor Stein Campos, para integrar o acervo do museu de Porto Feliz, o título expresse pela frase com que, em 29 de fevereiro de 1963, na campineira Praça D. Pedro II (antigo Largo de São Benedito), abriu e encerrou seu discurso de agradecimento, em nome de todos os Florences, neles incluídos os só de sangue, a homenagem que a cidade prestou à memória de Hércules Florence, ali erigindo o seu busto, com a legenda "Inventor da Fotografia em Campinas": -- Campinas é a Meca da Família!



ORIENTAÇÕES PARA O USO DOS ARQUIVOS DIGITAIS

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence ao Instituto Hercule Florence ou a instituições parceiras. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a autenticidade e a integridade da fonte, não realizando interferências digitais além de ajustes de contraste, cor e definição.

1. Utilizar este documento apenas para fins não comerciais

Os textos e as imagens publicadas no IHF Digital são de domínio público, porém seu uso comercial não está autorizado. Alguns textos e imagens provêm de instituições parceiras e somente poderão ser utilizados após consulta (contato@ihf19.org.br).

2. Créditos

Ao utilizar este documento, você deve dar o crédito ao autor (ou autores), ao IHF Digital, ao acervo original e ao autor(es) da reprodução/tratamento digital. Solicitamos que o conteúdo não seja republicado na rede mundial de computadores (internet) sem prévia autorização do IHF e/ou da instituição parceira.

3. Direitos do autor

No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Se você acreditar que algum documento ou imagem publicada no IHF Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (contato@ihf19.org.br).

4. Responsabilidades

O IHF reserva-se o direito de alterar o conteúdo do site, sem necessidade de aviso prévio, assim como rejeita qualquer responsabilidade pela utilização não autorizada do conteúdo deste site por terceiros.